

# O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,  
Em que o Sol pelos campos dilatados  
Com terrivel e fera galhardia  
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anne ..... 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os anuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes ..... 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes ..... \$730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

## EXPEDIENTE.

*Pedimos aos nossos assignantes de Braga — Vieira — Povoa de Lanhoso e de todas as mais terras proximas á cidade de Braga se dignem satisfazer seus debitos ao nosso amigo o snr. Germano Joaquim Barreto na rua do Souto em Braga.*

## BARCELLOS 16 DE AGOSTO.

Ainda mais uma vez julgou o governo necessario pedir authorisação para ser permittida a importação, temporaria, de cereaes.

Não é nosso proposito entrar agora na apreciação dos motivos que determinam uma semelhante resolução, que se authorisa com a escacêz da colheita de trigo e centeio, e com a elevação do preço, que é consequencia da carestia destes cereaes nos principaes mercados do paiz.

Entendemos que as necessidades da alimentação publica devem servir de regulador das medidas governativas que prendem com os interesses economicos da nação; porém tambem entendemos que

as medidas excepcionaes determinadas por eventualidades imprevisitas, poderão justificar-se pela precisão do momento, mas importam o gravissimo inconveniente, de constituirem de facto, um estado de interinidade, tanto mais prejudicial, quanto mais incerto; e não poucas vezes produzem perturbações, que são um mal maior, do que o que se tivera em vista remediar, e que nem sempre se remedeia a tempo.

São attendiveis e respeitaveis os interesses e necessidades do consumidor; mas não o são menos os da industria agricola, que é a primeira a soffrer o mal da escacêz das colheitas; e não é sacrificando-a de todo ao interesse momentaneo do consumidor, que se removem as crises alimenticias.

Todos os annos se tem permittido, por um dado praso, a livre importação de cereaes; e isto quando ja a carestia real ou artificial, provoca os clamores dos que com ella soffrem.

Assim, se dá, que a medida excepcional para a importação, produz logo, com relação aos propri-

etarios lavradores, o mal que pôde produzir, forçando-os a vender pelo receio de maior prejuizo com a concorrencia de generos semelhantes, que a importação trará aos mercados; e não dá ao consumidor immediato proveito; e muitas vezes acontece, que o beneficio da importação decretado na occasião de crise, chega, quando já poderia dispensar-se; porque os remedios tardios são as mais das vezes inefficazes.

No que toca á subsistencia publica, a lei deve ser previsôra.

Esperar que a carestia se manifeste, e produza todo o mal que é da sua natureza, para a combater depois; não é systema que possa abonar-se, nem com os principios racionais da boa governação economica.

Ha muito que se clamava pela necessidade de uma intelligente e esclarecida lei reguladôra do commercio de cereaes; e apesar de comprovada essa necessidade pelas circumstancias que determinam as medidas excepcionaes, as cousas ficam e continuam no mesmo estado!

## FOLHETIM.

### O MONGE.

Açoitando a verde relva  
Bramia o vento na selva,  
Como o rugir do leão,  
E o seu eco se perdia  
Na longinqua penedia  
Qual ribombo de trovão.

Entre as nuvens, magestosa,  
Pallida a lua, formosa  
Em vão tentava romper,  
Por instantes assombrada,  
Como a virgem recatada  
Receiosa de appar'cer.

Caia a chuva na terra,  
Escorrendo pela serra,  
Em ondas levando ao mar  
Os rastos, sobre a corrente,  
O malmequer innocente,  
E o carvalho secular.

Estala o raio no monte,  
E o vasto, negro horisonte  
Se illumina á incerta luz,  
Deixando ver n'um vallado  
Um er'miterio isolado,  
Tendo por guarda uma cruz.

Sósinho na estreita cella,  
Que fica junto á capella,  
Se vê um monge a rezar;  
No grosso livro inclinado  
Parece todo engolfado  
Em profundo meditar.

Qual vasto campo lavrado,  
Tem magro rosto marcado  
Das rugas que o tempo fez;  
A cabeça é neve pura,  
Nos olhos brilha a doçura,  
E tem cor de bronze a tez.

Pela fresta mal cerrada  
Eotra a chuva, que açoitada,  
Pelo vento o vem banhar;  
Nas longas cans anhelladas  
Deixa as gottas regeladas  
Como perolas rolar.

Não as sente, que embebido,  
Orando no livro qu'rido  
Tem todo o pensar no ceo.  
Nem sequer ouve a tormenta,  
Que fóra rage e rebenta  
Com tão medonho escarceu!

Era o quarto d'alvorada,  
Quando estrondosa argolada  
Sentiu na porta gemer.  
Vinham depressa chamal-o  
Para do monte leval-o  
A ajudar a bem morrer.

O livro deixa em que lia  
Para ir dar por noite fria  
Extrema consolação  
Ao infeliz moribundo,  
Que abraça ao fugir do mundo  
Santa cruz da redempção.

Com descoberta alva fronte  
Vem descendo pelo monte  
Com passo firme, equal;  
Mas parece que avançando,  
Vae para longe afastando  
O medonho temporal.

Seja esta a ultima lição: sirva ella de estímulo ao governo, para na proxima reunião de Côrtes apresentar um projecto de lei permanente. em que por uma vez se conciliem os interesses legitimos do productor e consumidor, e se estabeleçam as condições normaes em que devem assentar.

Recebemos os tres primeiros numeros de um novo jornal — a *Lei* — que se publica no Funchal.

Agradecendo a remessa, responderemos ao convite para nós muito honroso, que a acompanhava.

Damos as boas vindas ao novo campeão, a quem desejamos longa duração. Eis o seu primeiro artigo.

A *Lei*, entrando desconhecida no campo das discussões politicas, não pode eximir-se ao dever de apresentar um tal ou qual programma que lhe sirva de introdução neste mundo onde não figurou ainda; que possa revelar claramente suas tendências, seus desejos, suas aspirações.

A *Lei* não ignora que os programmas tem perdido grande parte dos seus creditos, e que raro é hoje o serem cumpridos. A *Lei*, tendo esta convicção, receia que o seu proprio programma, dominado como os outros pela fatalidade a que todos parecem sujeitos, possa vir a ser mais uma decepção.

No que porém os leitores hão de concordar desde já, é que nunca se lhes apresentou periodico mais sincero, começando, como este, por desconfiar de si.

E quem sabe!...

Talvez que a *Lei* venha a cumprir tudo o que promete, porque não promete senão muito pouco. Talvez que as suas obras sejam melhores que as suas palavras. Velohemos.

Entretanto, a *Lei* é obrigada a dizer quem é, e o que quer. Ao cumprimento d'este dever não faltará ella.

A *Lei* pertence á grande familia liberal portugueza.

Não está alistada em nenhum dos bandos politicos em que se acham subdivididos

os partidos em Portugal. Não pertence á *confraria* do sr. *marquez de Loulé*, nem á do sr. *Avila*, nem á do sr. *Fontes*, nem á do sr. *conde de Thomar*.

Crê que todas essas *confrarias*, — não é facil dar-lhes outro nome, — querem a independencia, a liberdade, e o progresso material, moral e politico do paiz, e que em todas ellas ha homens dignos da confiança publica, mas que nenhum de per si conservará o poder durante o tempo necessario para dar estabilidade ás cousas, desenvolvendo progressivamente, sem tropeços, sem interrupção todos os interesses publicos.

A *Lei* alistar-se-hia no partido que se formasse da maior parte dos homens eminentes de todas essas *confrarias*, porque só um partido assim composto, poderia fazer uso do poder em proveito real da nação. Não faltariam descontentes para a opposição, que é indispensavel, que é por assim dizer a alma, a vida do systema representativo.

Mas em quanto esse partido se não forma, e ou elle ha de formar-se ou Portugal não será feliz em nossos dias, — a *Lei*, sem paixões pelos homens, sem fé em bandos politicos, prestará simplesmente o seu fraco apoio a quem alguma vez fizer uso do poder em beneficio da communidade, sem que esse apoio importe obrigação de calar ou esquecer culpas ou erros, que partam dos mesmos individuos que uma vez tiverem merecido apoio.

A *Lei* fará applicação d'estes principios geraes ás auctoridades e corporações do districto, e occupar se-ha com muita espezialidade dos interesses materiaes e moraes da ilha da Madeira.

A *Lei* convencida de que nas cousas publicas nada ha que esperar senão dos homens intelligentes e instruidos, não transige com o imbecil, nem com o ignorante, de qualquer modo que appareçam aviados, ingerindo se nos negocios do estado.

A *Lei* procurará ser justa para com todos. Não será nunca descabellada escrevendo pro ou contra alguem. O que sentir deveras, ha de expressal o energicamente. Nunca offenderá os principios e as leis em virtude das quaes existe. Aceita e publica, com assignatura ou sem ella, todos os escriptos que forem redigidos em conformidade com este pequeno programma.

Finalmente, a *Lei* quer ser um jornal de interesse publico. Pede que a auxiliem em quanto se não afastar d'este proposito.

A VERDADE,

A RESPEITO DA QUESTÃO DOS JESUITAS.

Com esta epigraphe acaba de publicar-se um pequeno folheto, que, por muitos titulos, se faz recommendavel.

Posto que até hoje desconhecido no mundo litterario, o auctor, o sr. padre Manoel Duarte Macedo, foi já, quando estudante, um estudante de intelligencia transcendente, e superior alcance.

Sua senhoria frequentou todas as aulas do lyceu de Braga, em que foi, por mais de uma vez, approvado com distincção e louvor.

A sua estrea scientifica — a verdade a respeito da questão dos Jesuitas, — mostra bem o fundamento, com que se lhe pôde conferir o honroso titulo de — intelligente —.

Começando por mostrar a providencia de um Deus, sempre que o Inferno se conspira contra a sua immaculada esposa, sua senhoria acaba por concluir logica e convenientemente, que Santo Ignacio de Loyola fôra um enviado do Altissimo, que debellar veio os pestiferos erros de Luthero e Calvino, e que d'ahi, d'essa guerra declarada ás doutrinas dos Novadores, é que veio o tão mal dizer-se da Companhia de Jesus.

E na verdade, quem despreoccupado compulsar a historia, facilmente se compenetrará, de que tudo, que contra os Jesuitas se ha dito, não passa de fabulas ridiculas, ou torpes calumnias.

E' que o Protestantismo, e Jansenismo não podia, nem pôde ver com bons olhos o Jesuitismo, o obice de seus damnados intentos!

E foi por isso, simplesmente por isso, que os Novadores juraram opprimir com toda a casta de mentiras, o calumnias a Companhia do Jesus.

Nem esta asserção é gratuita.

O proprio Calvino é quem o diz — *Jesuitae vero, qui se maxime opponunt nobis, aut necandi, aut si hoc commode fieri non potest, ejiciendi, aut certe mendaciis et calumniis opprimendi* —.

A opposição dos Jesuitas aos apostolos das falsas doutrinas, eis o seu grande crime: eis o motivo, porque, ainda hoje, para muita gente, o Jesuitismo é uma ideia triste e sombria.

Não contente com mostrar a innocencia dos Jesuitas, o sr. padre Manoel Duarte Macedo mostra além disso, se bem que de passagem, os seus serviços prestados á Religião e ao Estado.

La Chalotais, na sua famosa Requisitoria, diz — A sociedade appareceu n'uma epocha, em que a Igreja era despedaçada nas entranhas, e exteriormente por inimigos poderosos, e por filhos rebeldes, que a assombravam com seus erros, e seu saber: nações inteiras se haviam retirado do seu seio. A Sociedade dos Jesuitas, espalhada por todas as nações, contribuiu para confirmar a fé vacillante de umas, e conduzir outras ao regaço da Igreja, diminuindo o progresso das seitas. Seus pregadores e controversistas sustentaram com coragem os esforços dos hereses. A facilidade e regularidade dos costumes, a habilidade em dirigir as cousas, o conhecimento das sciencias e artes liberaes, conciliaram com os Jesuitas o espirito dos grandes e dos

Secca-se a terra encharcada,  
A cada santa passada  
Que o bom velho n'ella dá.  
Não ruge o vento na valla, x  
E o raio mesmo se estala,  
E' muito distante já.

Magestoso era da serra,  
Taes elementos em guerra  
Ver combater com furor,  
E na contenda cessarem  
Ao ante si avistarem  
Um ministro do Senhor.

Era já de madrugada,  
Quando á cella regressou;  
Trazia a frente inclinada, y  
Meditando o que passou;

Que o moribundo expirara  
Ouvindo os conselhos seus, x  
E morrendo murmurara  
« Padre, orae por mim a Deus! »

E o bom do velho chorava  
O pranto do coração,  
E na serra ajoelhava, x  
P'ra rezar uma oração.

Erguido o sol sobre o monte  
Já reflectia na cruz,  
E no azulado horizonte y  
Espargia d'oiro a luz.

As aves em meigo canto  
Folgavam por ver o sol, x  
Que vinha d'orvalho o manto  
Romper sobre o gyra-sol.

A lampada amortecida  
Que o bom do monge deixou,  
Era quasi já sem vida y  
Quando elle na cella entrou

O vento as folhas voltara  
Do breviario em que lia,  
E o livro aberto deixara x  
Na passagem que dizia:

« Nossa vida é luz brilhante,  
« Fulgindo na escuridão,  
« E que morre n'um instante  
« A' mais branda viração. »

ALFREDO D'ATTAIDE,

(A Illustração Luso-Brasileira.)



povos. Levavam suas missões á America, China, Abyssinia, Japão e ás Indias. Serviram de muito aos Soberanos; e principalmente aos de Hespanha e Portugal, em continentes remotos, para conservação e augmento de suas conquistas: fazendo novos christãos, adquiriam novos vassallos para estes príncipes.

O Jesuitismo pois viveu sempre, desde a sua origem, segundo o seu pio e santo instituto, que por base tinha a maior gloria de Deus e a salvação das almas.

Quando não julgássemos provada até a evidencia esta verdade pelo snr. padre Manoel Duarte Macedo, ainda poderíamos reproduzir mais alguns testemunhos em prol dos Jesuitas.

E de feito muitos poderiam ser elles: limitar-nos-hemos porém a poucos, mas insuspeitos, completamente, como são os de Bayle, Mirabeau Lalande, Bacon, Grotius, Leibnitz e Voltaire.

Bayle: E' evidente, que tudo o que se publicou contra os Jesuitas, é acreditado com igual certeza, pouco mais ou menos, por seus inimigos.

E' tambem verdade que se renova essa accusação todas as vezes que a occasião se offereça em qualquer livro novo. Entretanto, aquelles que examinam com equidade as innumeraveis apologias, que os Jesuitas publicaram, deparam nellas, á vista de certos factos, boas justificações, que fazem com que um inimigo razoavel desdiga a accusação.

Mirabeau: Se alguém duvidar dos felizes effeitos da beneficencia e humanidade sobre os povos selvagens, compare os progressos que os Jesuitas fizeram em muito pouco tempo na America meridional, com os que as armas e navios de Hespanha e Portugal não poderam fazer em dous seculos.

Lalande: Arguem-me de . . . . . de ter prestado serviços ao papa, e de ajudar á missa de um Jesuita. Porém o nome de Jesuita interessa meu coração, meu espirito e meu reconhecimento. Tem-se fallado pouco do seu restabelecimento no Norle: é apenas uma chimera, mas aviva todos os meus pesares sobre a cegueira dos funcionarios em 1762. Não, a especie humana perdeu para sempre, e nunca mais recuperará esta renúncia preciosa e brilhante de vinle mil vassallos, occupados sem descanso, nem interesse, na instrucção, exhortação, missões, conciliações, soccorros aos moribundos; finalmente, nas funcções mais charas e uteis á humanidade. O asylo, a frugalidade, a renuncia dos prazeres faziam desta sociedade o pacto mais admiravel da sciencia e da virtude. Conheci-os de perto, era um povo de heroes para a religião e humanidade. A religião lhes dava meios, que a phylosophia não póde dar.

Bacon: Quando considero sua destresa e habilidade em dirigir a mocidade pelos caminhos das sciencias e dos bons costumes, recordo-me das palavras d'Agésilao na passagem de Pharnabaso: — sendo quem sois, porque não haveis de ser do nosso partido? —

Grotius: Os Jesuitas tem uma grande auctoridade no mundo por causa da santidade de sua vida, e porque elles instruem a mocidade nas letras e sciencias, sem receberem algum salario.

Leibnitz: Estou persuadido que muitas vezes caluniam os Jesuitas, e que lhes imputam opiniões, que nunca lhes vieram ao pensamento: tal foi Tito Oates, que publicou por sua conta e risco não sei quantas impertinencias.

Voltaire: Haviam colhido grandes vantagens na America, ensinando a selvagens as artes necessarias; e o mesmo aconteceu na China, ensinando as mais elevadas a uma nação espiritiosa. Atrevo-me a dizel-o: nada ha mais contradictorio, mais indigno e vergonhoso para a humanidade, do que accusar de moral dissoluta, homens, que passam na Europa a vida mais austera, e vão procurar a morté ás extremidades da Asia e America. No espaço de sete annos, que vivi com os Jesuitas, que observei entre elles? A vida mais laboriosa, fugal e rigida; todas as suas horas repartidas entre as que nos marcavam, e os exercicios de suas austeras profissões. Dgu por testemunhas milhares de homens, que foram educados comigo.

Quem pois, apoz tão formaes, como insuspeitas confissões, poderá ainda ter o espirito prevenido contra a defensora da intocidade e virgindade da doutrina do Eterno, contra a Sociedade de Jesus? Só o impio. Quem ama a doutrina

do Martyr do Calvario, jámais poderá ser pelos contrarios dos filhos do monge de Manresa!

Bem hajas pois, novo Levita, que tão poderoso contingente has dado para a total extirpação de tão infames calumnias! Bem hajas, pelo que has concorrido para o glorioso triumpho da verdade!

Pelo que me toca, desde já l'o agradeço. Não, porque viesse despreveni-me de ideias que tivesse, que felizmente não tinha; mas porque vieste confirma-me mais, nas que já com toda a justiça desposava.

O Padre Antonio Martins de Faria.

PORTO 16 DE AGOSTO DE 1861.

[Do nosso correspondente.]

Por cá não se falla, não se cuida se não da proxima exposição industrial, cuja inauguração deve ser abrihantada com a presença de S. M. e do snr. Infante D. João, SS. M. e A. sahem de Lisboa no dia 21, acompanhados dos ministros do reino, das obras publicas e da marinha, segundo se afirma. S. M. resolveo vir por terra, e chega no dia 23. Já aqui chegaram 4 carruagens e 21 cavallos da casa real, bem assim uma grande porção de mobilia e outros objectos para o palacio real dos Carrancas.

O rei e Infante assistem no dia 24 á abertura da exposição, e vão no dia 25, visitar as obras do caminho de ferro, cujos trabalhos progredem muito. Continua a dizer-se que farão uma digressão á provincia.

A Camara nomeou nas ruas do transito do cortejo, commissões, para promoverem os festejos da recepção. A da rua das Flores já se installou, e ouvimos que calculara de 800 mil reis a um conto o que se propõe realizar. E' de crer que na rua das Hortas não fiquem atraz. Ha tambem uma commissão nomeada, para dirigir a ovação do theatro de S. João, que parece será coisa fallada.

Conta-se que SS. M. e A. tambem vão ao theatro Baquet, onde representara a companhia dramatica portuense, que estava em Braga, e chegou aqui hontem.

Chega aqui muita gente de todas as partes do paiz, e até d'hespanha, para ver a exposição.

Tudo promete uma festa grandiosa e notavel. Tambem aqui se espera o banqueiro Salamanca, que vai hospedar-se para casa do deputado Chamigo, que tambem ja chegou ha dias.

A desordem de Setubal, feita pelos operarios das Salinas, por causa dos salarios, terminou logo, e quando chegou a força de Lisboa, já tudo estava no estado normal.

A tripulação do vapor *Lynce*, fez uma importante apreensão de contrabando do novio *Alerta*, vindo do Havre.

Assegura-se que o regimento d'Artilheria N.º 3 vai ser mudado de Vianna para a Serra do Pilar, onde se vão principiar obras para fazer das ruinas do convento, um quartel.

A Assembleia Portuense projecta offererem um baile ao rei.

Não faltarão festas!

## NOTICIAS DIVERSAS.

CONTINUA O ESCANDALO.— Temos ja por mais que uma vez lembrado ao snr. director das obras da estrada pelo campo da feira, que era de alta necessidade cobrir de terra esse esqueleto escandalo da estrada que corta o campo. Causa dôr ver ao dia de feira milhares de feirantes e alguns descalços a atravessarem a estrada que fica no centro da feira com uma repugnancia e custo que facilmente imagina quem ali tem passado; as nossas admoestações, esta penitencia dos que atravessam a estrada, de nada tem valido! — E o bruto e nada se move!

Para complemento do escandalo ahi estam no cimo do campo grandes galgeirões sem ter ao menos uma luz nas noites escuras, de sorte que na manhã do dia 16 pelas 3 horas uma rapariga que ali passava com umas vacas, teve que gritar Aqui d'El-Rei para arranjar quem lhe podesse tirar da galgueira uma das vacas que ali tinha cahido a falta de luz. E' certo que estas obras são do empreiteiro, e quem assim tem obras perigosas para de noite, acatella-se com luzes, a camara não as pode mandar pôr, porque não está para isso authorisada, nem as obras são della.

Esperamos que estes factos sejam registrados, e que o snr. director faça pôr cobro a tantas queixas, e tão altos escandalos.

QUE FREGUEZ!! — Hontem foram duas lavradeiras filhas de boas e conhecidas familias á loja d'um ourives da rua direita, e uma d'ellas mettendo em preços um par d'argollas disse-lhe o ourives que tinhão de feitto 2\$000 rs.; a compradora perguntou á companheira quanto tinha dado de feitto por umas eguaes que ella tinha —, e disse a outra que dera só 1\$300 rs. de feitto; não tinha bem acabado de completar a resposta quando lhe estava ja estendido na cara um grande supapo pelo dono do estabelecimento.

E' um grande modo de adquirir freguezes.

A auctoridade deve tomar conhecimento d'isto, porque não sabemos que haja lei no paiz, que authorise os negociantes a mimosear assim os seus freguezes.

Não é a primeira vez que o snr. Jeronymo pratica actos de similhante natureza: é infame tal proceder, e reiteramos o pedido á auctoridade para que tome previo conhecimento de semilhantes descalos a lei, á moral e á civilisação.

A mulher desfeitada foi a snr.ª Maria Joaquina da Trindade esposa do snr. Francisco José Ferreira, do Couto de Cambezés.

VÁ SEM EXEMPLO.— Na secção de noticias do nosso jornal n.º 84 com a epigrafe — posse — noticiamos a posse da nova mesa que deve administrar a confraria de N. S. do Terço desta villa nos annos de 61 a 62; acrescentamos que alguém tinha feito subir uma representação ao snr. governador civil protestando contra a eleição do thesourciro e contra *illegalidade* da eleição de toda a mesa.

Não tínhamos visto, nem vimos ainda a tal representação, mas um amigo nosso que nos merece consideração bastante, nos asseverou que sendo consultado por um irmão da confraria para ver se sim ou não devia assignar aquella representação, tivera occasião de a lêr por alto, e tudo quanto acrescentamos na noticia acerca daquella representação temol-o como certo, e repetimol-o aqui, por que como dissemos, foi-nos informado por pessoa competente. Promettemos publicar a representação para se rirem os nossos leitores, porque assim nos foi dito, que a representação fazia rir, e na verdade, entre muitas asneiras, lembra-nos uma que nos dizem ter a representação — Dizem os estatutos da confraria — «que se nomearão um juiz e um thesourciro, tres homens bons, um secretario, e um procurador». Estes tres homens bons é ao que nós chamamos hoje mesarios. Ahi vai a interpretação desta parte dos estatutos pelos representantes.

«Porque os referidos estatutos muito recomendam que o thesourciro, o juiz e os mais mesarios sejam homens bons, e por conseguinte leigos, logo não pode ser um padre thesourciro.»

Querem maior borracheira?

E tudo assim, dizem-nos que continúa, nem podia deixar de ser.

Apparece contudo um communicado nesta redacção, que serve de resposta á nossa local do n.º 84, e começa neste gosto «Em resposta ao « communicado inserido na folha deste jornal, em « 10 do corrente, acerca d'uma representação etc.

E n'este gosto continua o auctor do communicado a matar-nos a paciencia, a pedir-nos que o auctor do communicado inserto em o n.º 84 declare o seu nome!!

E que culpa teremos nós para os aturar? Que communicado é, que sobre esta questão se publicou no n.º 84 d'este jornal?!

Tudó quanto ali se diz a tal respeito na secção de noticias é d'esta redacção não é de communicado algum. Que culpa temos nós em que o destillado ligo comece agora a mover uma pena sobre papel sellado para o governo civil e outro em papel branco para esta redacção; nem que nós tivéssemos obrigação de lhe provar se os Padres podem ser ou não thesoureiros de confrarias!!

Sempre diremos aos representantes, e ao doutor do communicado que os Padres podem ser thesoureiros de confrarias, e *à jure* administradores dos bens ecclesiasticos. Estavamos no firme proposito de não fazer caso do communicado, nem publical-o nem gastar ao menos com elle estas palavras, mas para satisfazer a um pedido, vá sem exemplo.

**ESTATISTICA CAPILAR.** — Dos trabalhos que um sabio alemão acaba de concluir sobre a cabeça humana, e que lhe levaram um bom par de annos, se deduz o seguinte, que se lê na «Revolução de Setembro»:

Uma cabeça regular de homem tem, tern o médio, 844:000 cabellos, e de mulher 622:000. Os ruivos tem maior numero de cabellos que os morenos.

A cabelleira dos primeiros varia entre 720:000 cabellos e 935:000.

A cabelleira negra varia entre 512:000 e 780:000.

As causas phisicas principaes da queda do cabello são: o abuso da agua, sobre tudo quando o cabello fica empastado com ella, o uso da agua salobre e o dos cosmeticos, pomadas e oleos, o costume de metter os dedos pelos cabellos e puchar por elles quando se lê, estuda ou medita; a luz do gaz proxima á cabeça, e os pentes baratos de gomma, que embaraçam o cabello.

Para conservar o cabelo em bom estado devem observar-se as seguintes prescripções:

Penteal-o ao levantar com um bom pente de búfalo, o sufficiente para que o cabelo fique bem desembaraçado.

Usar agua pura em pouca quantidade, e um pouco de oleo de amendoas doces não diariamente, e só para tirar a asperesa que produz a agua.

Limpal-o bem com o pente antes de humedecer a cabeça, quando se tenha recebido muito pó.

Não cobrir a cabeça para dormir.

Se esta hygiene não produzir effeito, então só pôde trazer cabellos... um chinó.

**MAPPA.** — Por causa d'algumas difficuldades que apresentara a nossa imprensa, não temos publicado pela maneira como vinha elaborado, o seguinte

Mappa estatístico da população e principal commercio da villa da Povoia de Varzim, organizado em 1861.

População — Numero de fogos 2:875 — numero de habitantes — 10:801. Commercio — barcos de pesca 290 — redes em effectivo serviço 19:000 — linhas d'anços 300 — valor das redes 390:000:000 rs. — valor das linhas 70:000 rs. — pessoas empregadas na pesca 2500 — Pessoas empregadas não só na pesca mas tambem na factura e concerto de redes 7:750 — Imposto que os pescadores pagam annualmente ao estado pela pescaria que vendem n'esta villa 5:000:000 de reis. —

Productos em reis do negocio effectuado n'esta villa tanto pelos pescadores como pelos negociantes do pescado 250:000:000 rs. Productos em reis do pescado vendido pelos pescadores d'esta villa em diferentes partes desde Caminha até á Figueira 180:000:000 rs.

Barricas de sardinha que annualmente se exportam d'esta villa para a cidade do Porto 1:200.

Cargas de peixe que annualmente se exportam para a mesma cidade 2:800. Carros e cargas de fazendas e vinho que vem do Porto e Campanhã para esta villa annualmente 2:000. Carros e cargas de diferentes terras que entram n'esta villa annualmente com diferentes objectos e generos de primeira necessidade — carrões 30:000 — cargas 24:000 — Pessoas que das provincias do Minho e Traz-os-Montes concorrem a esta villa annualmente para tomar banhos de mar 20:000.

**Observações**

A população é só da villa e com referencia a 1860.

Além do peixe que se exporta por terra para a cidade do Porto, vai outro conduzido por barcos depois de comprado pelos negociantes do pescado, quando não ha numero sufficiente de carros e cargas para o conduzir a tempo.

O numero de cargas de peixe exportado para o Minho, Traz-os-Montes e Beira alta é tão extraordinario, que se se mencionasse n'este mappa pareceria fabuloso, e não seria facil o ser acreditado por aquellas pessoas que não presenciavam esta exportação.

Na verdade maravilha-nos o grande movimento do commercio n'esta villa de nossa provincia. Agradecemos a remessa do mappa, e pedimos desculpa de não ser publicado mais cedo e pela maneira como vinha elaborado; mas não foi possível fazel-o.

**NOTICIAS ESTRANGEIRAS.**

*Despachos Telegraphicos.*

Marselha 5 — Roma 3. — Rebentou uma violenta desordem no collegio de S. Miguel. O director, ameaçado de morte, foi livre pela gendarmaria. Houve devastações, e foram expulsos alguns discipulos. — Rebentaram novos incendios.

Turin 5. — A «Italia» diz que as noticias de Napoles são hoje melhores. O algarismo das subscripções do emprestimo augmenta consideravelmente em Napoles e n'outras partes. Prevê-se que a redução será de 60 a 70 p. c.

Agram 5. — Na sessão d'hoje da Dieta da Croacia, pediu o ban para se pôrem em discussão outros dous pontos da proposta da minoria da junta central, relativos ao regulamento dos objectos d'interesse commum com os outros povos do imperio. Este pedido foi regeitado por 69 votos contra 49. A assemblea decidiu dirigir uma mensagem ao imperador, e nomeou para este fim uma commissão de 9 membros.

Londres 6 — Nova York 26. — Nenhum movimento se notou no theatro da guerra. Abriu-se o congresso confederado de Richmond. Uma mensagem do presidente Davis felicita os Estados por se terem reunido á confederação; critica a politica de M. Lincoln, e dá a entender que outros Estados vão juntar-se á confederação. Pede um augmento de forças militares para combater os Estados-Unidos.

Diz-se que as colheitas serão mais abundantes do que nunca o foram.

Pariz 8. — Diz o «Moniteur» que o imperador dos francezes recebeu uma carta autographa do rei da Prussia.

Constantinopla 7. — Foram nomeados Aali-pachá gran-vizir, e Fuad-pachá ministro dos negocios estrangeiros.

Turin 7. — As subscripções para o emprestimo passam já de mil milhões.

Pariz 8. — Diz o «Moniteur» que o imperador Napoleão recebeu um carta autographa do rei da Prussia, na qual lhe assegura que virá aqui em outubro.

Turin 8. — A junta geral garibaldina dissolveu algumas juntas secundarias, nas quaes predominava o espirito mazzinista.

Pariz 9. — O rei da Prussia não visitará o acampamento de Chalons; mas terá uma entrevista com o imperador em outro ponto de França. Os jornaes dizem que esta entrevista se verificará em Strasburgo, no dia 6 de outubro.

Pesth 8. — Foi approvada por unanimidade na Dieta a mensagem de M. Deack que refuta o rescripto imperial, e declara que, rotas as negociações, ficam suspensos os trabalhos da Dieta em quanto não for reconhecida a constituição da Hungria.

Pariz 9. — Diz o «Constitucional» que a França está cansada do desagradavel papel que está fazendo de salvar os ingratos de Roma.

Belgica 9. — Affirma-se que o rei da Saxonia foi quem impediu a visita que Guilherme I se propunha fazer em Chalons ao imperador dos francezes.

**ANNUNCIOS.**

**NOVO ESTABELECIMENTO DO PORTO.**

NA Rua Direita desta Villa, vai abrir-se um novo estabelecimento de fazendas de lã, seda, e algodão. Encontrar-se-hão ali além de bons pannos e casimiras para homem, uma bonita variedade de casacas, lãas, chitas, e outros objectos para Senhora, tudo por preços tão rasoaveis, como nas mais barateiras casas da Cidade do Porto. (153)

**COLLEGIO DA ALEGRIA**

PARA MENINOS DIRIGIDO POR P.<sup>o</sup> NEVES, PROFESSOR DE LATIM NO COLLEGIO DA GUIA.

As proporções e conveniencias da casa, a boa direcção, educação e bons professores, nada deixarão a desejar. Quem quizer programmas dirija-se por carta do Director ao mesmo Collegio na rua da Alegria n.<sup>o</sup> 283 Porto.

Nesta redacção se achão tambem alguns programmas, que se franqueão a quem queira. (141)

**CASA FELIZ PORTO**

Loteria da Misericordia de Lisboa.

4.<sup>a</sup> EXTRACÇÃO DO 3.<sup>o</sup> TRIMESTRE.

**SORTE GRANDE**

**R\$ 10:000:000**

**CUNHA & RORIZ**

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Tem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.<sup>o</sup> 4 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.<sup>o</sup> 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, rs. meios ditos, a 3400, rs. quartos, a 1700, rs. e cautelas de 500 rs. e 250, rs. cuja extracção terá lugar no dia 24 de Agosto.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remettem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria os seguintes premios em bilhetes inteiros, e parte em meios ditos, quartos e cautelas de 500 e 250 rs.

1994 — 200\$000	1364 — 100\$000
395 — 100\$000	4307 — 100\$000
1353 — 100\$000	4517 — 100\$000
1336 — 100\$000	4678 — 100\$000

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Valongo e Sousa. Rua Direita n.<sup>o</sup> 28. —